

PALOMBELLA ROSSA / 1989

(*Palombella Rossa*)

um filme de Nanni Moretti

Realização e Argumento: Nanni Moretti / **Fotografia:** Giuseppe Lanci / **Direcção Artística:** Giancarlo Basili, Leonardo Scarpa / **Som:** Franco Borni / **Montagem:** Mirco Garrone / **Música:** Nicolas Piovani / **Intérpretes:** Nanni Moretti, Silvio Orlando, Mariella Valentini, Alfonso Santagata, Claudio Morganti, Asia Argento, Luigi Moretti

Produção: Sacher Film-Nella Banfi-Palmyre Film / **Cópia:** DCO, colorida, versão original com legendas em português / **Duração:** 88 minutos / **Estreia Mundial:** Itália, em Junho de 1989 / **Estreia em Portugal:** Forum Picoas, em 18 de Janeiro de 1991.

Se é possível preferir na obra de Moretti, **Bianca** e **La Messa è Finita**, é justo reconhecer que **Palombella Rossa** é o seu filme mais importante, até à data da sua produção, se não como trabalho acabado, pelo menos pelo papel que teve na sua carreira. **Palombella Rossa** representa uma viragem (não de tema mas de objecto) na sua obra, e contribuiu, mais do que qualquer outro, para a sua projecção no estrangeiro. Simultaneamente representa uma desforra sobre o Festival de Veneza que o não admitiu a concurso (quando em 1981 conquistara o Leão de Ouro com **Sogni d'Oro**, que foi um fracasso na bilheteira) com o inesperado êxito popular em que se tornou, em particular no seu país de origem. Ambos os factos radicam no tema de **Palombella Rossa**, uma crítica lúcida ao panorama político italiano, feita com irresistível comicidade. A ironia quase grotesca deste quadro político, e a forma como alegoria e objectividade são encenadas, são características típicas de Moretti, que apenas muda as particularidades dos personagens que coloca no centro, que agora são pessoas ligadas ao corpo político, que Moretti toma de novo por alvo no seu documentário **La Cosa** (que pode ser visto como uma espécie de continuação de **Palombella Rossa**) e no filme que produziu e interpretou para o seu antigo colaborador Daniele Luchetti, **Il Portaborse**.

Palombella Rossa é um filme em que a água tem, de novo, um papel central. Mas aqui, ao contrário de **La Messa...**, é a água mais como elemento do que como símbolo. Querer alterar o seu sentido é distorcer-lhe a função, e nisso o melhor crítico é o próprio Moretti, na divertida sequência da entrevista com o jornalista. Mas, ou por deformação ou porque Moretti diz coisas sérias às avessas, nada nos impede de encontrarmos naquele elemento a sua função simbólica. Por um lado, pela relação que ela tem com a infância de Michele, praticando um desporto que praticamente lhe é imposto (o patético grito em que manifesta o desejo de mudar de desporto, que ecoa o "*No voglio morire*" com que termina **Sogni d'Oro**) pela mãe, de onde uma dupla dependência a um seio protector que o deixa desorientado quando desaparece (no caso presente a crise do Partido em que milita, que preenche a função materna, e que o vai deixar num estado de amnésia). Por outro lado, porque é no meio dela, e à sua volta, que se desenvolve o processo de reconhecimento da personagem, com as suas evocações do passado, e a discussão provocada pelas sucessivas personagens que o assediam sobre a crise política da Itália de hoje. A reacção de Michele é a de fugir de todos para tentar dar ordem e nexos aos pensamentos descoordenados pela amnésia provocada pelo acidente do início.

A metáfora em relação ao Partido Comunista é transparente. A derrocada de princípios que pareciam inamovíveis provoca a crise e a amnésia do militante Michele. A primeira frase de reconhecimento é "*Sou comunista*", mas é dita com a mesma expressão de uma criança que descobre uma palavra nova e a repete para si próprio para tentar compreender o seu sentido. É o tema da orfandade, semelhante

(mas mais grave) à dos intelectuais comunistas que se dessolidarizaram em 1939, primeiro, e em 1956, depois. Simplesmente agora o que está em causa não é um confronto de estratégias ou ideias mas a própria "Coisa" (para utilizarmos o termo com que ironicamente se apelidou o PCI na sua busca de um novo nome e que serve de tema ao filme seguinte de Moretti, **La Cosa**).

O jogo de *water polo* toma, por isso também um papel de metáfora, que tem o seu momento mais significativo no final do encontro, quando tudo está dependente do penalti que Michele vai marcar. É a mesma situação em que todos se encontram, momentos antes, na transmissão do final do **Dr. Zhivago** na televisão. É impossível alterar o que está determinado. O final do filme está impresso na película. Os espectadores sabem-no mas, intimamente querem uma mudança conforme aos seus desejos. Na prática política há também um desejo de mudança, mas no último instante um reflexo programado impede que ela se concretize. À última hora o rabo denuncia o gato. No caso de Michele a estratégia de atirar à direita para surpreender o adversário, falha no último instante, atirando a bola para a esquerda, para o lado que o adversário espera.

Palombella Rossa é uma sátira política, balizada por dois gags que lhe servem de prólogo e epílogo, o primeiro o acontecimento que serve de ponto de partida, o segundo a conclusão moral: o desastre que ao começo lança Michele na amnésia, e o penalti do fim em que desperta para repetir os erros do passado. Entre um e outro um homem procura reconhecer-se e à função que lhe cabe no mundo de hoje. Talvez por isso, **Palombella Rossa** seja o filme político mais acabado dos anos 80.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico